



O estudo de uma língua indígena tem muito a ver com a batéia do garimpeiro. Trabalho de perseverança. Persistência do dia-a-dia no escutar, registrar, analisar, compreender. Mas há ainda um outro ponto de semelhança: é que, de repente, no meio do pedregulho de formulações emaranhadas, a gente descobre o diamante escondido. A gente discerne o signo que a palavra encerra.

Palavra-vivência dos Mÿky



Viver é conviver com a natureza — o mato, a terra, as raízes ou os papagaios



Estar junto é estar em atitude de ajuda ao outro. Viver junto é ajudar a viver

Estudando a língua, vamos descobrindo a cultura. O estudo da cultura provém do estudo dos mitos, tanto quanto do estudo da língua. E as duas fontes, longe de se excluírem, se complementam.

Estamos longe de poder asseverar algo, de ter condições de afirmar qualquer coisa sobre o universo mÿky. Mas algumas pistas vão se abrindo. Pistas que se confirmam com a observação do comportamento desse povo.

E o que diz Bakhtin, afirmando que "a língua é a expressão das relações e lutas sociais (...) e que a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (...) palavra que está sempre carregada de um conteúdo, ou seja, de um sistema ideológico ou vivencial". **PALAVRA-VIVÊNCIA-CULTURA** formam um todo que se interrelaciona e se explica mutuamente. Aliás, tanto a palavra, como a vivência e a cultura são LINGUAGEM, ou seja: expressão e signo de uma determinada visão do universo.

Experiência dura mas gratificante a que temos feito, estudando o idioma mÿky. (1) Podemos explicitar essa descoberta do universo cultural através da descoberta da

língua, com dois exemplos bastante significativos. Para os Mÿky, a palavra *ijã* designa simultaneamente "caminho" e "história", ou melhor: o Mÿky entende a História como um caminho, e todo caminho tem analogia com a trajetória histórica. Se o tempo ecológico encerra uma idéia de retorno cíclico, o tempo psicológico tem certamente fortes conotações de caminhada.

Caminho é para eles a ligação evidente entre o passado e o futuro. Caminho é o presente que teve seu início na "Casa de pedra" de onde se originaram os povos. Note-se que a identificação dos povos aconteceu no ato de sair. A partir desse momento, os Mÿky enfrentaram a doença, a morte, a separação, a briga. Mas saíram. (Hoje, esse caminho é acompanhado da presença dos mortos, da sabedoria dos parentes falecidos, tendendo sempre a seguir para a frente. É o "lá fora" a que o mito se refere, quando conta a saída da casa de pedra).

Essa visão da História explica, quem sabe, a facilidade e a tranqüilidade com que o povo Mÿky adere ao novo. Caminhada-evolução. Caminhada que tem seu ponto de partida na tradição, mas que

se estende indefinidamente abrindo novas passagens, trazendo novas experiências. Não esquecer o caminho — "takapsakaáranamapinãtã ijã" é não esquecer a tradição. Esquecer a tradição dos antigos seria "perder o caminho" ficar sem rumo. Mas aderir ao novo é simplesmente continuar o caminho. Não parar, não estancar, não estagnar.

Quando os velhos contam os mitos, na linguagem própria de contar mito, o enredo é constantemente entrecortado por essa frase: "tamakareju", que quer dizer: "assim que eles (os antigos) caminham", ou "assim que aconteceu". Quando alguém pede para que o velho vovô conte um mito, o pedido é sempre: "ijã pátkirã" = conte o caminho.

Contar o mito é contar a História, é contar como os antigos caminhavam com sabedoria, é contar como o povo deve continuar a caminhar historicamente, "para que os filhos sejam mais sábios que os pais e os netos ainda mais senhores do mundo do que seus avós", no dizer de Carlos R. Brandão.

O segundo exemplo aconteceu ao perguntarmos como eles expressariam a idéia "Terra é Vida", lema da Se-

mana do Índio de 1984. Responderam: "Pa'namahã ipkjanamapi". Ora, a tradução dessa frase é: porque temos terra (mato), podemos morar. Asseveraram com insistência que a expressão verdadeira seria essa, o que nos fez concluir que dentro de seu universo mental, **VIVER É CONVIVER**. Conviver com a natureza — o mato, a terra, as raízes ou os papagaios, por exemplo, que recebem da própria boca do dono o alimento já mastigado... E conviver entre si — morar, habitar junto, permanecer junto. Não existiria um viver que não fosse viver com, viver junto.

Também o sufixo "pi" pode ser traduzido tanto por ajudar como por estar ou fazer juntamente. O que leva a dizer que estar junto é estar em atitude de ajuda ao outro. Na gramática mÿky, moer cana com alguém é ajudar a moer;

Caminhar com alguém é ajudar a caminhar;

Morar com, é ajudar a morar.

E, por conseguinte, viver junto é ajudar a viver!

Isso se comprova no comportamento grupal (comportar-se) dos Mÿky: uma en-

treajuda constante, um coperdão sincero. A capacidade de morarem todos juntos numa mesma casa sem compartimentos, usando os objetos uns dos outros, partilhando o mesmo fogo de cozinhar, repartindo os alimentos, socializando os seus bens e até os seus pensamentos, pois pensa-se em voz alta.

"Pa'namahã ipkjanamapi" — porque temos terra, porque temos chão, podemos conviver repartindo a terra e o chão. Podemos conviver repartindo o espaço. O espaço territorial, o espaço habitacional, e mais ainda o espaço vital da alegria ou da "parihkanã", literalmente (parihikanã) o espaço do riso!

Os dois signos se complementam na frase enunciada por um deles: "ijã apahã ipkjanamapinãtã": nosso modo de vida é assim, ou seja: "nosso caminho de viver convivendo" é assim. (Fotos e texto: Elizabeth Rondon Amarante).

(1) Grupo lingüístico isolado. Só os Iranxe (também chamado Mÿky do Cravari) possuem a mesma língua, com diferenças dialetais. Ao todo, são menos de 200 falantes da língua mÿky/iranxe.